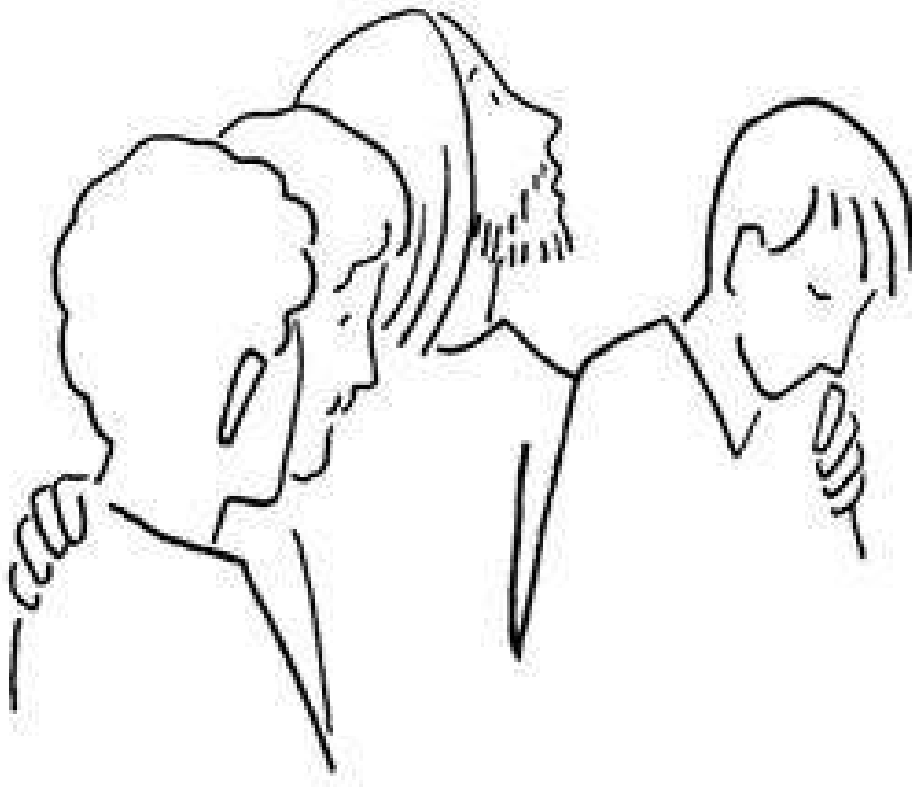


"Onde há amor,
Deus aí está"



" Escolhi-vos e destinei-vos a dar fruto!"

Jó 15, 16

Caderno de Oração Verbum Dei

Páscoa 2010

ÍNDICE

Frutos de vida por entre os escombros	1
1ª Parte - Páscoa	5
“Viver não custa, o que custa é saber viver”	7
* Páscoa da Ressurreição - Ver para crer	10
* 2º Dom. Páscoa - Domingo da Divina Misericórdia	14
* 3º Dom. Páscoa - Reconhecer Jesus	17
* 4º Dom. Páscoa - Marcar encontro com Deus	20
* 5º Dom. Páscoa - Ousar Amar	23
* 6º Dom. Páscoa - “Deus em nós”	29
* Ascensão do Senhor - Quando a missão começa	33
* Domingo de Pentecostes - O domínio do Espírito	39
2ª Parte - A vida tem a última palavra	45
* A vida tem a última palavra	47
* Viver já a Ressurreição	49
* “Os castigos de Deus”	51
* “Onde morrem 2, morrem 3”	52
* “Onde há amor, aí habita Deus”	55
* Em louvor do Funchal	58
* Vem e verás	60

Frutos de vida por entre os escombros

Durante esta Quaresma, tivemos bem presente, em vários momentos, o que é a dor. Ainda não nos tínhamos recomposto da tragédia do sismo Haiti e fomos surpreendidos pelas inundações na Madeira. Num e noutro caso – apesar de terem sido catástrofes de dimensões diferentes – chocaram-nos as imagens de destruição, os relatos da calamidade, a angústia das pessoas, a necessidade urgente de socorro, a total carência de bens essenciais e, principalmente, a perda de vidas humanas.

Passados alguns dias, um novo terramoto, agora, no Chile (com repercussões em várias zonas do Pacífico) e, logo depois, na Turquia. Novamente, as imagens se repetem, como se repetem os apelos à solidariedade.

Em tudo isto, impressionaram-me três coisas: a resposta pronta e generosa das pessoas, das instituições, dos países; a fé do povo do Haiti; a coragem das gentes da Madeira.

Em primeiro lugar, o modo como se mobilizaram todos os meios de ajuda e como se multiplicaram as iniciativas para atender às necessidades dos que foram atingidos pela tragédia. Ainda que se diga que o homem de hoje se caracteriza pelo egoísmo, pelo egocentrismo, pelo hedonismo, há sempre, no fundo do coração de cada um alguma coisa que nos faz ver que “aquele” (mesmo que seja alguém que não conhecemos) precisa de nós.

Depois, a fé: recordo particularmente o caso de um homem haitiano, cuja mulher estava soterrada. O tempo ia passando, as hipóteses de que ela estivesse viva eram cada vez menores, mas ele não desistia: junto das equipas de busca e salvamento, rondava, olhava, escutava, e rezava... Era, ao mesmo tempo, a imagem da dor e da esperança! No dia em que encontraram a senhora, ele foi o primeiro a dar o sinal, porque lhe ouviu a voz entre os escombros... Afinal, havia vida, onde parecia não haver, onde já quase ninguém acreditava que houvesse!...

Isto é, muitas vezes, o nosso dia-a-dia de cristãos: “ver” o que mais ninguém vê, esperar, rezar, acreditar e saber – com esta convicção de coração – que há Vida escondida na morte. Na cruz, onde outros verão um homem morto, nós vemos um Deus ressuscitado.

Esta maneira de olhar o que vivemos e o que vai acontecendo muda-nos a vida. E é aqui que quero salientar a força e a determinação dos madeirenses. Vi poucas pessoas a chorar, ainda que fosse muito natural que o fizessem. Mas vi – vimos todos – muita gente a “arregaçar as mangas” e a trabalhar, no que era seu, no do vizinho, nas coisas comuns; muita gente a falar de esperança, a mostrar-nos (a alguns que, como eu, olhávamos atónitos para tudo aquilo) que a desgraça foi ontem e que, hoje, é preciso levantarmo-nos para que haja amanhã. Certamente, nem todas aquelas pessoas terão fé: mas deram-nos a lição do que é acreditar que há vida no meio da destruição e da morte. Como o marido da senhora haitiana. Como Maria, de pé, junto da cruz do Filho. Como os apóstolos diante do túmulo vazio.

"Escolhi-vos e destinei-vos a dar fruto." (João 15,16) Que fruto é este que Jesus espera de nós? Estes frutos que vamos vendo à nossa volta – a fé, a esperança, a generosidade, a coragem, etc. – não serão sinais de Deus?...

O tempo Pascal, que agora começa, é o tempo do Espírito. Ora, os frutos do Espírito são “amor, alegria, paz, paciência, bondade, benignidade, fé, mansidão e temperança.” (Gálatas 5, 22). Um texto escrito há dois mil anos, vejam como é actual! Não é disto que o mundo precisa? São esses os frutos que damos?

Ele escolheu-nos e destinou-nos para dar fruto, muito fruto, um fruto que permaneça. Mas não é por nós próprios que o conseguimos: só o Espírito pode gerar em nós a fecundidade e a perenidade desses frutos.

Jesus viveu entre os homens, “fazendo o bem” (Actos 10, 38) morreu numa cruz, foi sepultado e ressuscitou. E, depois de ressuscitado, apareceu várias vezes aos Seus amigos; soprou sobre eles e deu-lhes o Seu próprio Espírito (cf João 20,22); prometeu-lhes que, por esse Espírito, estaria connosco “sempre, todos os dias, até ao fim dos tempos”. (Mateus 28, 20).

Jesus, crucificado no sofrimento dos homens de hoje, ressuscita! Para toda a dor, há esperança; para todo o limite, há um caminho, para toda a morte, há Vida.

A Páscoa é passagem da morte à Vida. Mas é também a passagem do medo à coragem, da incerteza à convicção, da descrença à fé, do desespero à esperança, da tristeza à alegria, do desânimo à paciência, da angústia à serenidade, dos conflitos à paz, da indiferença ao amor...



Na noite escura, Senhor

Na noite escura da alma,
há um lugar para as estrelas,
existe um tempo para a lua,
brota alento para a esperança.

Na noite escura da alma,
esconde-se o gérmen de uma vida nova,
brota o rebento de uma nova espiga,
surge o raio de um novo amanhecer.

Na noite escura, Senhor,
Tu estás na sombra,
escondes-Te com ternura,
aguardas com suave música.

Na noite escura, Senhor,
a Tua luz ilumina a minha esperança,
guias a minha alma até um novo dia,
tocas o meu coração com o Teu amor...

Manuel Fernandez Márquez, *Silencio y transformación*
(tradução livre do texto castelhano)

1ª Parte – Páscoa

“Viver não custa, o que custa é saber viver”

Noutro dia tive o privilégio de poder assistir a uma palestra sobre “Educar para o Optimismo” e qual o meu espanto quando a oradora começou por dizer que se não começássemos, nós próprios, a sermos optimistas, nunca iríamos ser capazes de educar os nossos filhos a serem eles próprios optimistas.

Porque um optimista é uma pessoa que olha para a sua realidade (independentemente da vida lhe correr “bem” ou “mal”), com um olhar positivo.

Ou seja, a leitura que faz da sua vida é boa e como isso é incorporado na sua própria vida, torna-a por isso melhor.

E porque é que me ocorre escrever esta ideia a propósito da Páscoa?

Porque sinto que se não é com a ajuda de um Deus Amor Misericordioso Compassivo temos tendência a ver a nossa vida (por melhor que nos corra objectivamente) com um olhar de insatisfação, comodismo e até mesmo de pessimismo e falta de esperança.

Ora neste Caderno o que nos propomos rezar e reflectir é exactamente o contrário!

Como é que, face às maiores tragédias que podemos viver (como seja uma doença, a morte de alguém querido, o desemprego, uma tragédia natural, etc.) podemos olhar para a vida com um olhar de esperança, com um sorriso na cara por se acreditar que a vida vale a pena ser vivida independentemente das circunstâncias!?

Viver é muitas vezes muito duro. Ou porque, objectivamente, algo de muito difícil nos acontece ou porque não temos capacidade para viver a vida com gratuidade, humildade, agradecimento, tolerância, paciência, e com isso vivemos com pesos grandes às nossas costas.

Só que Jesus foi um óptimo testemunho de como ser feliz apesar das situações muito duras que possamos viver. E a ressurreição é o melhor exemplo disso.

As leituras dos domingos de Páscoa falam-nos de pessoas concretas que “viram e acreditaram” em Jesus.

Aparentemente, a vida de Jesus tinha sido “curta” e tinha terminado da pior forma. Ninguém percebia o porquê de tanto sofrimento e tão trágico fim ...

Quantas vezes não nos acontece o mesmo? Quantas vezes não percebemos o porquê de tantas desgraças?

E no entanto, a morte não teve a última palavra mas sim a vida. Jesus renasceu no coração de todos quantos acreditaram que há vida para além da morte!

Vivamos por isso estes longos dias da Páscoa com a esperança de encontrarmos e saborearmos a alegria de viver cada dia tal e qual como nos é dado viver!



Morre lentamente quem não viaja.....

"Morre lentamente quem não viaja,
Quem não lê,
Quem não ouve música,
Quem destrói o seu amor-próprio,
Quem não se deixa ajudar.

Morre lentamente quem se transforma escravo do hábito,
Repetindo todos os dias o mesmo trajecto,
Quem não muda as marcas no supermercado,
não arrisca vestir uma cor nova,
não conversa com quem não conhece.

Morre lentamente quem evita uma paixão,
Quem prefere O "preto no branco"
E os "pontos nos is" a um turbilhão de emoções indomáveis,
Justamente as que resgatam brilho nos olhos,
Sorrisos e soluços, coração aos tropeços, sentimentos.

Morre lentamente quem não vira a mesa quando está infeliz no trabalho,
Quem não arrisca o certo pelo incerto atrás de um sonho,
Quem não se permite,
Uma vez na vida, fugir dos conselhos sensatos.

Morre lentamente quem passa os dias queixando-se da má sorte
ou da Chuva incessante,
Desistindo de um projecto antes de iniciá-lo,
não perguntando sobre um assunto que desconhece
E não respondendo quando lhe indagam o que sabe.

Evitemos a morte em doses suaves,
Recordando sempre que estar vivo exige um esforço muito maior
do que o
Simple acto de respirar.
Estejamos vivos, então!»

Pablo Neruda

Ver para Crer

Páscoa da Ressurreição

Act 10, 34-43, SI 117
Col 3, 1-4 ou Cor 5, 6-8; Jo 20, 1-9

- Para os discípulos não foi suficiente Maria Madalena ter-lhes dito que tinham levado o corpo de Jesus do túmulo tiveram que ir até lá e "ver para crer"! Porque é que tantas e tantas vezes na vida precisamos de "ver para crer"? Sobretudo num mundo cada vez mais hostil, só nos sentimos seguros quando comprovamos na prática e não nos deixamos ficar somente pela "teoria"!

- A Fé passa, muitas vezes, por acreditar sem ver mas também é verdade que se não tivermos sentido na pele (pelo menos alguma vez na vida) a grandeza do amor de Jesus, muito dificilmente aderimos às suas propostas tão diferentes do mundo que nos rodeia!

“No primeiro dia da semana, Maria Madalena foi ao túmulo logo de manhã, ainda escuro, e viu retirada a pedra que o tapava. Correndo, foi ter com Simão Pedro e com o outro discípulo, o que Jesus amava, e disse-lhes: «O Senhor foi levado do túmulo e não sabemos onde o puseram.» Pedro saiu com o outro discípulo e foram ao túmulo. Corriam os dois juntos, mas o outro discípulo correu mais do que Pedro e chegou primeiro ao túmulo. Inclinou-se para observar e reparou que os panos de linho estavam espalmados no chão, mas não entrou.

Entretanto, chegou também Simão Pedro, que o seguira. Entrou no túmulo e ficou admirado ao ver os panos de linho espalmados no chão, ao passo que o lenço que tivera em volta da cabeça não estava espalmado no chão juntamente com os panos de linho, mas de outro modo, enrolado noutra posição.

*Então, entrou também o outro discípulo, o que tinha chegado primeiro ao túmulo. **Viu e começou a crer**, pois ainda não tinham*

entendido a Escritura, segundo a qual Jesus devia ressuscitar dos mortos.”

Jo 20, 1-9

Não podemos nunca esquecer que no coração da nossa Fé há um crucificado a quem Deus deu razão. No centro da própria Igreja há uma vítima a quem Deus fez justiça..

Uma vida “crucificada”, mas motivada e vivida com o Espírito de Jesus, não termina em fracasso mas em Ressurreição.

E isto muda completamente o sentido dos nossos esforços, dores, trabalhos e sofrimentos por um mundo mais humano e uma vida mais feliz para todos.

Viver e pensar nos que sofrem, estar perto dos marginalizados, lançar a mão aos indefesos...Seguir os passos de Jesus não é um absurdo!

Os pequenos abusos que possamos sofrer, as injustiças, as incompreensões de que possamos ser alvo, são feridas que, um dia, cicatrizarão para sempre.

Temos de aprender a olhar com mais fé para as cicatrizes do Ressuscitado. As nossas feridas serão assim um dia. Cicatrizes curadas por Deus, para sempre. Esta fé sustenta-nos interiormente e torna-nos mais fortes para corrermos riscos. Pouco a pouco vamos aprendendo a não nos queixarmos tanto, a não

viver a lamentarmo-nos sempre do mal que há no mundo e a não nos sentirmos sempre vítimas dos outros.

Porque é que não podemos viver como Jesus que dizia «**Ninguém me tira a vida, sou eu que de mim mesmo a dou**»?



Em minha casa, Senhor?!...

- Senhor, onde queres que façamos os preparativos para a Páscoa?
- Ide à cidade, a casa de (...) e dizei-lhe: "O Mestre manda dizer: 'O Meu tempo está próximo. É em tua casa que quero celebrar a Páscoa'."

Em minha casa, Senhor?!...

Mas, como, se nem sequer a preparei?... A minha Quaresma não foi bem vivida, não fiz penitência de jeito e rezei tão pouco...

Não me parece boa ideia, não estou em condições de Te receber. É verdade. É uma vergonha, mas é assim mesmo. Apanhaste-me de surpresa! Estava a contar com a Semana Santa para parar um pouco, desligar da vida apressada que levo, dedicar-me com mais tempo e atenção à minha alma... e confessar-me antes de Domingo.

Agora, vires passar a Páscoa a minha casa, isso está fora de questão! Isto é, claro que seria para mim um momento único, mas, compreendes que não é coisa que se organize em dois ou três dias. Seria uma vergonha...

Senhor da Páscoa!

Por muito que me custe confessar, seria provavelmente esta a resposta que daria, se recebesse aquele Teu recado.

Confrontado com a possibilidade de Te ter em minha casa, partilhando a intimidade da minha vida e a dos meus, sinto que seria como pôr a nu a minha hipocrisia de cristão empenhado, enxertado em tão fina cepa...

Mas, sobretudo, seria para mim insuportável viver a Teu lado o dia a dia da Tua Paixão. Cada passo dessa Tua Via Dolorosa seria para mim embater em cada negação de que está cheia a minha vida, por mais que diga, escreva ou proclame que sou fiel ao Teu convite e dócil à Tua Palavra.

Senhor da Páscoa!

Perdoa esta minha presunção de querer encontrar mérito e dignidade em mim para Te olhar e de Ti me aproximar, esta minha teimosia em ainda acreditar que de mim depende a minha salvação...

Perdoa, Senhor, não querer aceitar que o que devo e posso fazer é aceitar docemente que me ames; é esperar atento e confiante a Tua vinda; é pedir, arrependido e confiante, o Teu perdão.

Rui Corrêa d'Oliveira, *Amén*

Domingo da Divina Misericórdia

2º Domingo da Páscoa

Act 5, 12-16; Sal 117, 2-4. 22-24. 25-27a
Ap 1, 9-11a. 12-13. 17-19
Jo 20, 19-31

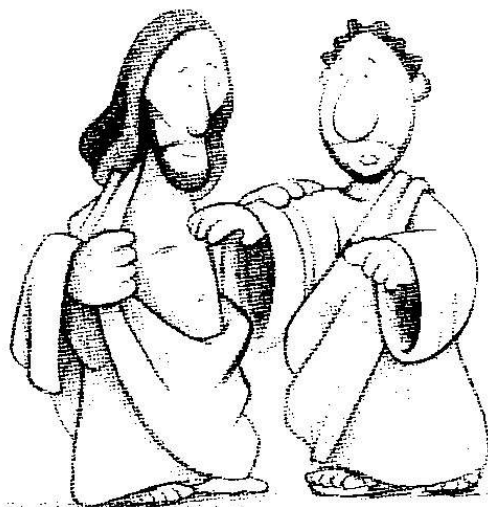
- Neste tempo de Páscoa somos mais uma vez convidados a renovar a nossa fé. Como vivo este tempo em que Jesus está presente?
 - Tenho propósitos para viver com alegria estes cinquenta dias?
 - Como se vive com Jesus ressuscitado? Como os Apóstolos também tenho medo? Quais são os meus medos?
-

Neste Domingo sentimos a presença de Jesus na sua Igreja. É Ele que anima os discípulos, é Jesus que tira o medo e pede que acreditemos Nele. Como Tomé também nos temos hoje a tentação de querer tocar, de querer saber tudo, muitas vezes não acreditamos nos outros e isso impede-nos de estar mais próximos de Jesus.

O que impressionava as pessoas, como percebemos pela primeira leitura era a unidade e a partilha que existia entre os cristãos, também hoje aqueles que não acreditam querem ver Jesus. É um grande desafio dos nossos tempos:

acreditar, não ter medo, dar testemunho. Não podemos deixar de sentir e de viver com a presença de Jesus, morto e ressuscitado que nos vem dar uma vida nova, que nos pede uma atitude de encontrar novas formas de viver como quem tem a sua força no Senhor.

Dar fruto é ter a consciência de que Jesus vive connosco e nos dá força para sermos mais parecidos com Ele. Peçamos a Deus que nos ajude a perceber os caminhos que a sua misericórdia nos pede, vamos pedir que o nosso coração seja mais parecido com o coração de Deus.



“Que devo fazer?”

“No jovem do Evangelho, podemos vislumbrar uma condição muito semelhante à de cada um de vós. Também vós sois ricos de qualidades, energias, sonhos, esperanças: recursos que possuís em abundância! A vossa própria idade constitui uma grande riqueza não apenas para vós, mas também para os outros, para a Igreja e para o mundo.

O jovem rico pergunta a Jesus: «Que devo fazer?» A estação da vida em que vos encontrais é tempo de descoberta: dos dons que Deus vos concedeu e das vossas responsabilidades. É, igualmente, tempo de opções fundamentais para construir o vosso projecto de vida. Por outras palavras, é o momento de vos interrogardes sobre o sentido autêntico da existência, perguntando a vós mesmos: «Estou satisfeito com a minha vida? Ou falta-me ainda qualquer coisa?»?

Como o jovem do Evangelho, talvez vós vivais também situações de instabilidade, de perturbação ou de sofrimento, que vos levam a aspirar a uma vida não medíocre e a perguntar-vos: em que consiste uma vida bem sucedida? Que devo fazer? Qual poderia ser o meu projecto de vida? «Que devo fazer a fim de que a minha vida tenha pleno valor e pleno sentido?» (*Ibid.*, n. 3).

Não tenhais medo de enfrentar estas perguntas! Longe de vos acabrunhar, elas exprimem as grandes aspirações, que estão presentes no vosso coração. Portanto, devem ser ouvidas. Esperam respostas não superficiais, mas capazes de satisfazer as vossas autênticas expectativas de vida e felicidade.

Para descobrir o projecto de vida que vos pode tornar plenamente felizes, colocai-vos à escuta de Deus, que tem um desígnio de amor sobre cada um de vós. Com confiança, perguntai-lhe: «Senhor, qual é o teu desígnio de Criador e Pai sobre a minha vida? Qual é a tua vontade? Desejo cumpri-la». Estai certos de que vos responderá. Não tenhais medo da sua resposta! «Deus é maior que os nossos corações e conhece tudo» (1 Jo 3, 20)!”

Papa Bento XVI, mensagem para o dia mundial da juventude

Reconhecer Jesus

3º Domingo da Páscoa

Act. 5, 27b-32. 40b-41. Salmo 29,2 e 4.5 e 6.11 e 12a e 13b.
Ap 5,11-14 / Jo 21, 1-19.

As leituras deste Domingo falam-nos de anúncio do Evangelho. Após a morte e ressurreição de Cristo uma nova era se iniciou. Os discípulos foram chamados a serem as mãos e a voz de Jesus num Mundo que não estava disposto a aceitá-los. Sentiram-se escolhidos e chamados a esta missão. A transformação de Cristo nas suas vidas não trouxe apenas coisas boas. Segui-Lo implicou sacrifícios e provações. Os discípulos aceitaram a sua responsabilidade com alegria. Seria capaz de reconhecer a de Jesus e de me lançar à água?

Jesus confia uma missão importante a Pedro: cuidar da comunidade. Pedro é escolhido para pegar num grupo disperso pelo medo e devolver-lhes a esperança em Cristo. Apascentar as ovelhas foi o mesmo que ressuscitar uma comunidade sem pastor. O sentimento de orfandade tinha de ser repostado pela certeza da ressurreição manifestada na comunidade. Os discípulos estavam paralisados sem saber o que fazer e como alguns foram pescadores no passado, acharam por bem regressar ao que sempre tinham feito. Voltaram à Galileia e dedicaram-se à pesca. Mas a experiência de encontro com Jesus não deixa ninguém indiferente, por mais breve que seja. Depois de viverem e conhecerem o amor de Deus, as suas vidas teriam inevitavelmente de se transformar. O projecto de Jesus para aqueles homens era outro. Destinou-os a segui-Lo. No caso de Pedro essa escolha seria ainda mais difícil. A consequência seria a Morte. Mas Pedro ama Jesus e está disposto a aceitar o seu amor.

É difícil saber o que mudou na minha vida por conhecer Jesus. Talvez por ter crescido numa família católica me custe mais substanciar essas diferenças. Mas o que sou foi fruto de encontros e de desencontros com Jesus. Temo que ao longo da vida tenha sido mais vezes escolhido e destinado do que me apercebi. Seria possível aos discípulos no barco não terem reconhecido Jesus? A sua aparência mudara, restavam os olhos do coração para O verem. Quantas vezes se cruza este Jesus sob as mais diversas aparências sem que o reconheça?

Esta semana fui ao concerto dos jovens da nossa comunidade, que visava angariar fundos para a Missão Timor. Havia uma alegria diferente no olhar de cada um. Não sei se todos teriam a mesma consciência da forma como Jesus os escolheu a serem enviados a apascentar o seu rebanho. Estou convencido que sabiam e sentiam essa escolha melhor que ninguém. Reconheci no seu entusiasmo a confiança de Jesus: *“Lançai a rede para o lado direito do barco e haveis de encontrar”*. Era ali,

especificamente, que a rede devia ser lançada. Que frutos dará esta missão? Que missão terá cada um de nós ? Não consigo responder a

esta pergunta. Apenas sei que consegui escutar a voz de Jesus: “lançai a rede...”. Ele cuidará do resto.



“Amas-Me?”

“O Senhor pergunta a Pedro se ele o ama, coisa que já sabia; e pergunta-o, não uma vez mas duas e mesmo três. E, de cada vez, Pedro responde que o ama; e, de cada vez, Jesus lhe confia o cuidado de apascentar as suas ovelhas. À sua tripla renúncia responde aqui uma tripla afirmação de amor. É preciso que a sua língua sirva o seu amor, tal como serviu o seu medo; é preciso que a sua palavra dê testemunho de uma forma tão clara diante da vida como a que fez diante da morte. É preciso que ele dê uma prova de amor ocupando-se do rebanho do Senhor, tal como deu prova de temor renegando o Pastor.

Torna-se evidente que aqueles que se ocupam das ovelhas de Cristo, com a intenção de fazer delas ovelhas suas mais do que de Cristo, têm para com elas um afecto maior do que o que experimentam para com Cristo. É o desejo da glória, do poder e do proveito que os conduz e não o amoroso desejo de obedecer, de socorrer e de agradar a Deus. Esta palavra três vezes repetida por Cristo condena aqueles que fazem gemer o apóstolo Paulo quando os vê buscar os seus interesses mais que os de Jesus Cristo (Fl 2,21). Com efeito, que significam estas palavras: “Amas-me? Apascenta as minhas ovelhas”? É como se dissesse: Se me amas, não te ocupes de ti mesmo mas das minhas ovelhas; olha-as não como tuas mas como minhas; nelas, procura a minha glória e não a tua, o meu poder e não o teu, os meus interesses e não os teus... Não nos preocupemos, pois, connosco mesmos; amemos o Senhor e, ocupando-nos das suas ovelhas, procuremos o interesse do Senhor sem nos inquietarmos com o nosso.”

Santo Agostinho (354-430), bispo de Hipona (Norte de África) e doutor da Igreja, Sermões sobre S. João, 122, 2-4 ; 123, 5

Marcar encontro com Deus

4º Domingo da Páscoa

Act 13, 14.43-52; Sal 99, 2.3.5
Ap 7, 9. 14-17; Jo 10, 27-30

- “Eu te estabeleci como luz das nações para que sejas portador de salvação até aos confins da terra”
- “Quanto aos discípulos, achavam-se repletos da alegria e do Espírito Santo”

Tenho andado a adiar estas pistas, porque me sinto cansada e também porque mais uma vez deixei tudo para o fim!... além disso, sinto-me um bocadinho hipócrita... tenho-te deixado no fim da minha “lista de afazeres”, Senhor!... Como é que de repente, Senhor, de primeiro da lista passaste para último num “abrir e fechar de olhos”? Como foi possível deixar passar os dias e não rezar nada “de caderno”?... porque só tenho rezado novenas, enquanto adormeço os meus filhos... Como posso ser luz das nações, se não escuto o que tens para me dizer?

Estas leituras são de esperança... aquela esperança com letra maiúscula que Tu tanto gostas de nos dar e que a mim tranquiliza tanto! Acalma-me saber que somos chamados a ir mais além, a atravessar “ventos e marés”... tranquiliza-me saber que “pões a tua tenda” sobre mim, sobre a minha família e não deixarás que tenhamos fome, sede, calor e nos consolarás!

O Senhor propõe-nos nada mais nada menos que a vida eterna!!! Porque somos os primeiros a julgarmos indignos dela? O Senhor tem-nos um amor tão grande que a proposta que nos faz não é simplesmente viver melhor, optarmos pelo melhor, resolvermos

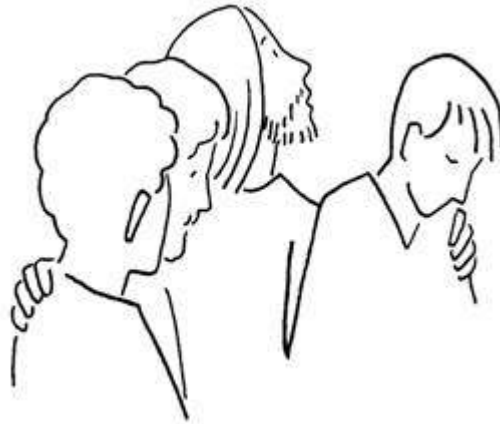
os problemas: Ele propõe-nos optar pela vida eterna!... Agora, nesta nova fase que vivo, vejo muito claro como as nossas opções de vida podem causar tanta interpelação na vida dos outros que nos rodeiam, que conhecem a nossa história, que de forma directa ou indirecta, são testemunhas da “minha salvação”... esta é uma forma de ser luz... ajuda-me Senhor a não ter medo de deixar esta “luzinha” brilhar!

“estes, porém, sacudindo a poeira dos pés contra eles, prosseguiram para Icónio”... que poeiras são estas que levamos connosco? Que nos prendem ao passado, que pesam e não nos deixam caminhar?...Somos capazes de as sacudir?... no outro dia, falava sobre a Páscoa com uma amiga e partilhava com ela que muitas vezes, olho para a Páscoa e para a Ressurreição como uma vida nova, com atitudes novas, “em branco”, mas tenho vindo a descobrir que se calhar, passa mais por irmos integrando tudo o que temos vivido até aqui: tudo o que foi bom, mas sobretudo, tudo o que nos magoou, nos fez sofrer, nos deixou marcas, estas “poeiras” que levamos connosco e que às vezes, nos impedem de andar em frente!

“As minhas ovelhas escutam a minha voz, eu as conheço e elas me seguem” - Para Deus todas as

peças são importantes: não somos mais um – somos “aquele”. E por isso, todos conhecemos a Sua voz. A voz daquele que nos procura quando andamos distraídos, quando nos desviamos do nosso caminho. Todos conhecemos a voz daquele que nos acolhe sempre que nos vê, mesmo quando nos vê tão pouco!... Para o Senhor não é indiferente que fiquemos para trás... mas somos sempre uma perda, quando deixamos de olhar para Ele, de Lhe falar...
Porque somos tão pouco criativos e não procuramos mais encontros

com o Deus? Sinto que tenho tantas ferramentas ao meu alcance, navego tantas vezes na net, leio tantas coisas, tantas partilhas, que sinto que me vou dispersando, às vezes na tentativa de encontrar maneiras de me fazer próxima de Deus... acho que nesta Páscoa, nesta altura da minha vida que está tão preenchida, tenho de marcar um encontro com Deus – marcamos tudo: o cabeleireiro, as saídas com os amigos, os almoços com a família, as vindas à comunidade... porque não marcar um encontro com Deus?



“Ser feliz é ter futuro e é dar futuro. Todos pensamos ser felizes e acordamos todos os dias com esse desejo. Mas ser feliz não é uma sorte, nem é ausência de problemas. É viver com sentido, com coragem, construindo o futuro e dando futuro. Isso depende de mim.

Era uma vez um homem que corria e corria pela vida... A vida era curta e necessitava de correr muito para gozar muito e ser feliz. E quanto mais corria, mais necessitava de correr! Descobria sempre mais lugares para visitar! Necessitava encontrar tudo e gozar de tudo. Até que um dia, cansado de tanto correr, parou. Então, a felicidade pôde alcançá-lo.”

Pe Vasco Pinto de Magalhães sj, in 'Não Há Soluções, Há Caminhos'

Ousar Amar

5º Domingo da Páscoa

Actos 14,21b-27 / Salmo 144
Ap 21,1-5a / Jo 13,31-33a.34-35

- As leituras deste Domingo falam-nos de Amor, do verdadeiro Amor que Jesus nos transmitiu com a sua vida e do nosso encontro eterno e pleno com Deus Amor quando partirmos.
 - Que Amor é este de que Jesus nos fala?
 - Com que força o vivo e o imponho no Mundo?
 - Que Amor vêm os outros através de mim? Ou há uma diferença entre aquilo que sinto como cristão e aquilo que vivo e transparço?
-

A hora de Jesus aproxima-se. Judas acaba de sair para o entregar (v21 Jo). Jesus sabe o que lhe vai acontecer dentro de pouco tempo mas não o diz aos Apóstolos. Antes, aproveita estes últimos momentos para lhes dar o tesouro da sua vida, o seu testamento de Amor. É um momento solene, “Meus filhos”, diz Jesus, porque este testamento é do Pai que vem: “Amai-vos uns aos outros como eu vos amei”. Com o que conheciam de Jesus até então, os discípulos já intuíam parte do significado destas palavras, mas Jesus diz-lhes que ainda não podem perceber tudo. De facto esse Amor profundo, único e radical vai ter o seu auge na Paixão, na entrega da Sua vida humana.

Mesmo vivendo a Páscoa há tanto tempo, hoje volto a pôr a mesma pergunta que fez Simão Pedro: “Senhor, para onde vais? (...) Porque não posso seguir-te”. Por mais que reze, por maior que seja a minha fé, quero hoje fazer-Te esta pergunta. Sinto que só compreendo as Tuas palavras pela metade. Tenho o coração pequeno e a cabeça demasiado “formatada” para entender a Tua vida e o Teu testemunho na totalidade. Percebo

isso porque de facto acho que existe uma diferença entre aquilo que sinto e aquilo que os outros vêm em mim. Se há uma diferença é porque o que sinto não será (totalmente) vivido, e por isso a minha oração, o meu conhecimento de Deus fica apenas na parte “intelectual” de mim, que de nada serve... Talvez esteja a ser demasiado exigente porque também vejo o que a oração tem transformado na minha vida. Sinto que ainda há muito que posso fazer para viver este testamento de Jesus, mas que neste momento só o sou quando tenho tempo ou vontade. É perante este mistério de Amor que tenho a certeza que somos chamados a ir mais além, e Deus deu-nos todos os meios para isso.

O testemunho de Jesus é um resumir de todas as mensagens que nos foi passando com a vida. No lava-pés o serviço, com a despedida de Judas a dignidade e o respeito pela liberdade do outro, o perdoar 70 vezes 7, e mesmo na cruz ainda é capaz de dizer “Pai, perdoai-lhes porque não sabem o que fazem”. Até ao fim, até ao último suspiro. Jesus não nos deu regras, deu-nos

exemplos de vida. E deixou-nos ainda uma maior responsabilidade: só seguindo este testamento Ele pode continuar a ser reconhecido e vivido no mundo. “Se tiverdes amor uns para com os outros, todos reconhecerão que sois meus discípulos”. De facto, às vezes (muitas vezes até) falo com amigos que têm uma visão errada dos cristãos. Mas reconheço que estão limitados pelas experiências que tiveram. Eu também teria se não tivesse conhecido pessoas que me foram rosto e mãos de Deus na minha vida, e que continuam a ser. A Comunidade, em particular, fez-

me descobrir uma religião diferente daquela em que acreditava, não uma religião de regras, de ritos, mas de Amor, em que os ritos têm o seu espaço próprio e nos ajudam a aproximar de Deus.

Se essas pessoas que são Rosto de Deus não existissem como poderia acreditar n’Ele? Eu acredito em coisas concretas, palpáveis, e para mim o Amor de Deus é uma realidade na qual me construo dia-a-dia.

Senhor, ajuda-me a pôr continuamente o meu tempo e os meus talentos ao teu dispor. Faz de mim um instrumento do Teu Amor.



«Toda a pessoa sente o desejo de amar e de ser amado. No entanto, como é difícil amar, quantos erros e fracassos acontecem no amor! Há mesmo quem chegue a duvidar se o amor é possível. As carências afectivas ou as desilusões sentimentais podem fazer-nos pensar que amar é uma utopia, um sonho inatingível. Temos, então, que resignar-nos? Não! O amor é possível. A finalidade desta minha mensagem é contribuir no reavivar em cada um de vós, que sois o futuro e a esperança da humanidade, a fé no amor verdadeiro, fiel e forte; um amor que traz paz e alegria; um amor que une as pessoas, fazendo-as sentir-se livres no respeito mútuo.»

Na Cruz, Cristo grita: “Tenho sede” (Jo 19,28), revelando assim uma sede ardente de amar e de ser amado por todos nós. Apenas quando percebemos a profundidade e a intensidade deste mistério, é que damos conta da necessidade e da urgência de que O amemos “como” Ele nos amou. Isto implica também o compromisso, se for necessário, de dar a própria vida pelos irmãos, apoiados pelo amor que Ele nos tem. Já no Antigo Testamento Deus disse: “Amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Lv 19,18), mas a novidade de Cristo consiste no facto de que amar como Ele nos amou significa amar a todos, sem distinção, inclusive os inimigos, “até ao fim” (cf. Jo 13,1).»

Mensagem do Santo Padre Bento XVI aos jovens (2007)

Mas afinal o que é o amor?

“«Filhinhos, já pouco tempo vou estar convosco. (...) Dou-vos um novo mandamento: que vos ameis uns aos outros; que vos ameis uns aos outros assim como Eu vos amei. Por isto é que todos conhecerão que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros.» Jo 13, 31-35

Esta é a Despedida de Jesus. É o Seu testamento, aquilo que de mais importante tem para nos deixar. Acho que não é difícil perceber nem acreditar nisto. Imagino que teria de me despedir dos meus filhos, daqueles a quem mais amo. Claro que lhes deixaria aquilo que para mim é o mais importante, aquilo que eu não quero que eles se esqueçam nunca, aquilo que acredito profundamente os fará feliz. Se tivesse pouco tempo, ou melhor, se soubesse que teria pouco tempo, o que procuraria deixar-lhes? O essencial. Assim faz Jesus. Este é o Seu essencial. Este é o nosso essencial. Que nos amemos uns aos outros como Ele nos amou.

Outro dia, alguém me dizia que *o que fica, depois desta vida, a única coisa que fica, é o Amor que pomos naquilo que fazemos*. Esta frase tem-me acompanhado desde então. E acho que tem tudo a ver com esta leitura de Jesus.

O Amor é o essencial. O Amor é a única coisa que fica para sempre e que marca aquilo que vivemos.

Mas, afinal, o que é o Amor?

Há tanta coisa que faço sem Amor, mas apenas porque tem de ser. Tantos pontos que pico ao longo do meu dia. Tanta coisa que vivo sem sentido apenas porque sei que não posso fazer de outra forma. Tanta rotina. Mas sei que se o meu horizonte de vida for este Amor de que Jesus me fala aprenderei a dar cada passo nesse sentido, nessa direcção. Mesmo naquilo que não posso deixar de fazer. Porque sei que é diferente fazê-lo porque sim do que fazê-lo olhando mais longe – *“A nossa vocação realiza-se no infinito”*, disse outro dia o Pe. Tolentino numa Homília. Por isso, temos de aprender a pôr Vida Eterna e Amor em tudo aquilo que vivemos. Só isso fica...

Amar nos altos e nos baixos, nos bons e nos maus momentos. Quando estamos com vontade e quando não estamos nem aí. Quando o outro nos emociona e encanta, mas também quando nos tira do sério. Quando tudo nos corre bem e quando não conseguimos vislumbrar nem uma mínima luz ao fundo do túnel. Quando não temos mesmo vontade nenhuma e só nos apetece estar sossegados no nosso casulo. No sofrimento. Na morte. Porque se o Amor é o nosso horizonte e objectivo, então ele não acaba nem desaparece nunca, mesmo no sofrimento, na dor, na morte, na incompreensão, na dúvida, na solidão, na crise. Porque, em todas estas situações é sempre possível, de uma forma ou de outra, se calhar não como desejaríamos, vivê-lo. Porque seja qual for a situação da nossa vida é sempre possível amar. Sempre. Esta possibilidade nada nem ninguém nos a pode tirar. Só nós mesmos...

Por isso acho que Amor não é sentimento. Porque o meu sentimento nem sempre, ou poucas vezes, vai neste sentido. Porque o meu sentimento faz-me mais olhar para o meu umbigo do que para a felicidade do outro. Porque aquilo que sinto me faz centrar-me naquilo que quero e não naquilo que posso fazer e/ou viver para ajudar o outro.

Amar é querer e actuar para ajudar o outro, para que o outro possa viver melhor e mais feliz. Mesmo que eu não sinta nada.

Amar depende da abertura ao outro, do centrar nele o meu olhar (atitude que só Deus nos pode ensinar) para descobrir aquilo que ele realmente precisa. Amar não é dar ao outro aquilo que ele quer ou que acredita que precisa, nem dar-lhe aquilo que eu acho que ele necessita. E, no entanto, quase sempre é isto que fazemos. Nós sabemos muito bem o que é bom para nós. Nós sabemos muito bem aquilo de que os outros precisam. Amar é dar ao outro aquilo que ele realmente precisa. Quem, senão Deus, nos ama assim? Quem, senão Deus, nos pode intuir, tomar consciência, da verdadeira necessidade do outro e daquilo que ele realmente precisa para colmatar essa sua necessidade? Quem, senão Deus, me pode dizer aquilo que realmente me faz feliz e aquilo que realmente faz o outro feliz?

Tudo isto permite viver com sentido. Permite que o sofrimento não me destrua (como a Ti, Senhor, que tanto sofreste, não Te destruiu; como a Ti; Mãe Maria, que tanto sofreste, não te destruiu - No meio da maior dor, Jesus e Maria foram capazes do maior Amor). Permite que sempre haja Vida, mesmo nas situações de morte.

Senhor, ensina-nos a Amar. Que possamos viver como Tu. Que tudo aquilo que façamos, grande ou pequeno, extraordinário ou rotineiro, tanto o que escolhemos viver como aquilo que não podemos mesmo deixar de fazer, o façamos com um mesmo objectivo, numa mesma direcção e horizonte: Amar.



“Deus em nós”

6º Domingo da Páscoa

Act. 15,1-2. 22-29; Sl 66;
Ap 21, 10-14. 22-23; Jo 14, 23-29

- A despedida de Jesus é muito concreta e tem para todos nós uma serie de recomendações e avisos.
- São propostas, não exigências, que nos são dadas a partir do amor.
- Só a partir do amor o podemos fazer.
- Como Jesus sabe que amar não é fácil, não nos deixa sozinhos, o Espírito fica conosco.
- Há outra coisa importante Jesus quer deixar-nos a paz, não a que nos dá o mundo, mas sim a paz duradoira que vem do fundo, nasce da nossa vivência com Jesus.

*«Se alguém me tem amor, há-de guardar a minha palavra; e o meu Pai o amará, e Nós viremos a ele e nele faremos morada.
(Jo 14,23)*

Neste domingo que precede a Ascensão, o Evangelho apresenta-nos este texto de despedida de Jesus. Jesus vai para o Pai e nas suas ultimas palavras vai dando recomendações e ensinamentos aos seus.

No centro está o amor. O amor como essa vida profunda e indissolúvel que une Jesus ao Pai e o Pai a Jesus e que se derrama sobre a comunidade dos seus fiéis, daqueles que acreditaram Nele e O seguiram.

Como prova de amor, aquele que ama procura agradar o amado, acima de tudo e por cima de si mesmo. Como agradar-lhe sem escutá-lo? Como amar Jesus sem escutar e acolher a Sua palavra, para tentar fazer o que nos diz? Amar Jesus não se fica pelos sentimentos bonitos, mas levar-nos-á a comprometermo-nos com Ele, seguindo-O de perto e vivendo o Evangelho que nos propõe.

Nesta tarefa não estamos sós: Jesus está conosco, mas também o Pai e o Espírito que Jesus nos envia desde o Pai. Conosco, e não “de fora”, ocasionalmente, antes decidiram vir morar em nós, no nosso coração. E como o amor é respeitoso da liberdade,

Deus não entrará e permanecerá em nós sem a nossa permissão. Mas se o quisermos, nós seremos desde já morada de Deus, e portanto, presença de Deus no meio do mundo; Ele quer seguir amando os homens, desde a vida de cada um, nas nossas vidas.

Deus não está passivo dentro de nós, antes nos vai recriando com a Sua Palavra e com o seu amor. A Sua Palavra, sempre carregada de todo o seu amor, é uma palavra transformadora, vai-nos divinizando, fazendo-nos semelhantes a Ele, vai-nos enchendo do Seu Espírito. Já não podemos tratar os outros de qualquer maneira, porque somos templos de Deus.

Já não podemos ficar indiferentes perante a ruína física ou espiritual dos nossos irmãos. Que grande responsabilidade sabermo-nos habitados por Deus! Não podemos guardar para nós este tesouro; temos de partilhá-lo com todos: mostramos o amor divino recebido de Deus no amor aos outros. Que Deus encontram os outros em nós? Revelamos ou escondemos o rosto autêntico de Deus?

Este Deus pede-nos agora a nossa ajuda para levar adiante a Sua obra de Salvação do mundo através da nossa vida; tarefa que nos pode assustar, ultrapassar e perante a qual nos sentimos pobres e impotentes. Mas é

este “Deus em nós” e conosco que o vai realizar e não “apesar” da nossa pobreza, mas através dela. Por isso, Jesus pede-nos para não termos medo: “não se perturbe o vosso coração, nem se acobarde...”... Ainda que no meio de dificuldades e provações, sofrimentos, obscuridades ou dúvidas, nada tememos porque Ele está conosco (Sal. 23,4). Ele deu-nos um Defensor, o Espírito, que nos guia em todos os momentos. Ele ensina-nos tudo e recorda-nos as Suas palavras no momento oportuno; ilumina o nosso caminho com a Sua luz, dá-nos a força e a coragem que necessitamos, e continuamente acende e reaviva em nós o fogo do Seu amor.

Jesus dá-nos também a Sua Paz, que não é a ausência de conflitos ou dificuldades, mas a paz que vem de dentro, da experiência do Seu amor, da certeza que estamos Nele e com Ele construindo a obra do Pai. Paz esta,

que é um dom Seu para os seus amigos. Se nos deixarmos habitar pela Trindade teremos esta Paz, que não é a paz do mundo, senão a paz que Ele nos dará. E só se a tivermos dentro de nós, poderemos transmiti-la aos outros, a um mundo tão necessitado dela.

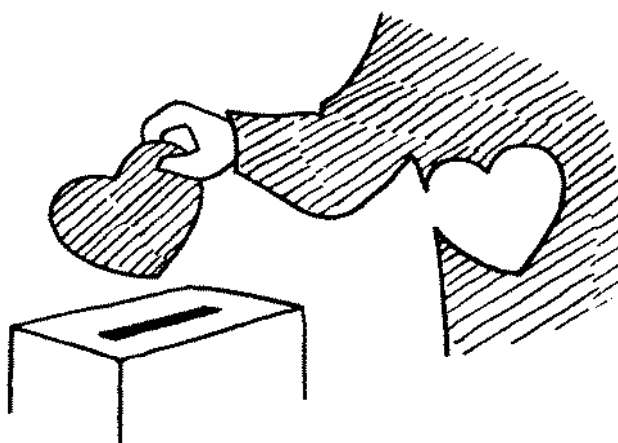
Assim equipados, Jesus envia-nos para o mundo: habitados por Ele, com o Seu Espírito e a sua paz, com todo o seu amor.

Acolhamos a sua Palavra, para ser a sua palavra viva hoje.

Aceitemos a sua presença na nossa vida para sermos seus templos vivos, lugares de encontro para os homens de hoje.

Acolhamos a sua paz, para sermos mensageiros e construtores da verdadeira paz.

Recebamos o Seu Espírito, para que ilumine toda a escuridão do mundo e aqueça os corações frios dos homens.



SALMO 66

Exultem os povos e se alegrem,
porque julgas os povos com justiça,
governas as nações sobre a terra.

Que os povos te louvem, ó Deus,
que te louvem todos os povos.

Deus tenha piedade de nós e nos abençoe,
faça brilhar sobre nós a sua face.

Para que se conheça na terra o teu caminho,
entre todos os povos a tua salvação.

Que os povos te louvem, ó Deus,
que te louvem todos os povos.

A terra deu o seu fruto.
Que Deus, o nosso Deus, nos abençoe;

Que Deus nos abençoe,
e o temam todos os confins da terra.

Quando a Missão começa

Ascensão do Senhor

Act 1, 1-11, Sl 46,
Ef 1, 17-23 ou Heb 9, 24-28; 10, 19-23
Lc 24, 46-53

- Com Jesus no céu começa a tarefa dos apóstolos.
 - Não é para eles uma tarefa fácil porque não dispõem de muitos meios.
 - Os apóstolos tem uma experiencia que não podem deixar de anunciar.
 - Nós hoje temos os meios... mas temos a experiência?
 - Utilizamos os meios de comunicação para evangelizar?
-

Abro o livrinho das leituras da missa de cada dia e procuro o Domingo da Ascensão que este ano é a 16 de Maio. A primeira coisa a prender a atenção e que está em letras maiúsculas diz "JORNADAS MUNDIAIS DAS COMUNICAÇÕES SOCIAIS".

Um acontecimento que se passou faz tantos séculos, unido a uma realidade tão actual? Porque é que a Igreja escolheu este dia? Parece uma contradição, o grande comunicador de massas, Jesus de Nazaré, desaparece, vai para o céu, já não vai comunicar mais nada e a Igreja pensa que nesse dia vai ser comemorada a comunicação. É no mínimo estranho.

Os Actos dos Apóstolos e o Evangelho deste dia narram-nos a ascensão de Jesus ao céu e a forma como os apóstolos ficam a olhar para cima, aparvalhados, seguramente com um sentimento de tristeza, com a pergunta *e agora?* Mas, de repente, surgiram dois homens vestidos de branco que lhes disseram: "*Homens da Galileia, porque estais assim a olhar para o céu?*" (Act 1, 11). Seguramente que nada acabou naquele momento. As duas personagens deram-lhes ânimo para começar a sua tarefa. Não era hora de olhar para o céu,

mas sim para a terra. Anunciar tudo o que haviam vivido e experimentado ao lado de Jesus. Agora eles eram os comunicadores da Boa Nova, e era o momento de se lembrarem do que Jesus lhes tinha dito "*Ide por todo o mundo e anunciai o evangelho*", agora era a vez de serem testemunhas da Ressurreição. Parece que os dois anjos lhes dão um empurrão: "Não fiquem pasmados, comecem a vossa tarefa"

Tarefa de vida, de anúncio, de comunicação, de evangelização. Comecem a vossa missão!

Pelo que sabemos entregaram-se ao anúncio, e com os meios que dispunham naquele tempo, expandiram e comunicaram a Ressurreição com valentia, alguns deles ao ponto de darem a vida.

É impressionante como esses apóstolos, e essa primeira comunidade cristã chegou tão longe no anúncio, sendo que não possuíam grandes meios. Não tinham estradas boas, transportes rápidos, sem microfones, sem grandes espaços para as reuniões, sem telemóveis nem emails para os convocar. Foram como o seu mestre: grandes comunicadores.

Não tinham meios mas tinham a experiência de vida.

Creio que, por tudo isto, a Igreja pensou que era oportuno pensar neste dia como o dia das Comunicações Sociais.

Hoje, se calhar, é a todos nós a que se nos apresentam os “dois homens vestidos de branco” para nos dizer Anunciais a Boa Nova? São testemunhas da Ressurreição? Não são só perguntas, também há um desafio de não ficar parados e de utilizar as mil e uma possibilidades que hoje em dia temos para anunciar.

Podemos chegar longe, ali onde falta vida, justiça, solidariedade, onde não há esperança, onde há muita solidão, onde há fome de pão e de Deus, onde as guerras têm as

pessoas presas, sem liberdade e com muito sofrimento. Podemos chegar não só aos nossos vizinhos. Os meios de comunicação fazem com que no mundo a vizinhança seja global. Temos que tirar partido disso.

Temos o tesouro da vida nas nossas mãos e se não a damos estamos a roubar. Vamos utilizar todos os meios que temos ao nosso alcance, não deixemos que só sejam utilizados para fins comerciais e manipuladores, podemos, e a Igreja anima-nos com esta Jornada das Comunicações Sociais a utilizar os meios de comunicação para o bem e parafraseando São Paulo, “Temos que evangelizar a tempo e fora de tempo”, “temos que evangelizar sem meios e com meios”. E dizer: “Sempre”.



Mensagem do Papa Bento XVI para o 44º Dia Mundial das Comunicações Sociais

«O sacerdote e a pastoral no mundo digital: os novos media ao serviço da Palavra»

[Domingo, 16 de Maio de 2010]

Queridos irmãos e irmãs!

O tema do próximo Dia Mundial das Comunicações Sociais traz à ribalta a reflexão sobre um âmbito vasto e delicado da pastoral como é o da comunicação e do mundo digital, que oferece novas possibilidades para exercer o serviço à Palavra e *da* Palavra. Os meios modernos de comunicação fazem parte, desde há muito tempo, dos instrumentos ordinários através dos quais as comunidades eclesiais se exprimem, entrando em contacto com o seu próprio território e estabelecendo, muito frequentemente, formas de diálogo mais abrangentes, mas a sua recente e incisiva difusão e a sua notável influência tornam cada vez mais importante e útil o seu uso.

Hoje, para dar respostas adequadas a estas questões no âmbito das grandes mudanças culturais, particularmente sentidas no mundo juvenil, tornaram-se um instrumento útil as vias de comunicação abertas pelas conquistas tecnológicas. De facto, pondo à nossa disposição meios que permitem uma capacidade de expressão praticamente ilimitada, o mundo digital abre perspectivas e concretizações notáveis ao incitamento Paulino: «*Ai de mim se não anunciar o Evangelho!*» (1 Cor 9,16). Por conseguinte, com a sua difusão, não só aumenta a responsabilidade do anúncio, mas esta torna-se também mais premente reclamando um compromisso mais motivado e eficaz.

Quem melhor do que um homem de Deus poderá desenvolver e pôr em prática, mediante as próprias competências no âmbito dos novos meios digitais, uma pastoral que torne Deus vivo e actual na realidade de hoje e apresente a sabedoria religiosa do passado como riqueza donde aurir para se viver dignamente o tempo presente e construir adequadamente o futuro? A tarefa de quem opera, como consagrado, nos *media* é aplanar a estrada para novos encontros, assegurando sempre a qualidade do contacto humano e a atenção às pessoas e às suas verdadeiras necessidades espirituais; oferecendo, às pessoas que vivem nesta nossa era «digital», os sinais necessários para reconhecerem o Senhor; dando-lhes a oportunidade de se educarem para a expectativa e a esperança, abeirando-se da Palavra de Deus que salva e favorece o desenvolvimento humano integral. A Palavra poderá assim *fazer-se ao largo* no meio das numerosas encruzilhadas criadas pelo denso emaranhado das auto-estradas que sulcam o *ciberespaço* e afirmar o direito de cidadania de Deus em todas as épocas, a fim de que, através das novas formas de comunicação, Ele possa passar pelas ruas das cidades e deter-se no limiar das casas e dos corações, fazendo ouvir de novo a sua voz: «*Eu estou à porta e chamo. Se alguém ouvir a minha voz e Me abrir a porta, entrarei em sua casa, cearei com ele e ele comigo*» (Ap 3, 20).

Na Mensagem do ano passado para idêntica ocasião, encorajei os responsáveis pelos processos de comunicação a promoverem uma cultura que respeite a dignidade e o valor da pessoa humana. Este é um dos caminhos onde a Igreja é chamada a exercer uma «diaconia da cultura» no actual «continente digital». Com o Evangelho nas mãos e no coração, é preciso reafirmar que é tempo também de continuar a preparar caminhos que conduzam à Palavra de Deus, não descurando uma atenção particular por quem se encontra em condição de busca, mas antes procurando mantê-la desperta como primeiro passo para a evangelização. Efectivamente, uma pastoral no mundo digital é chamada a ter em conta também aqueles que não acreditam, caíram no desânimo e cultivam no coração desejos de absoluto e de verdades não caducas, dado que os novos meios permitem entrar em contacto com crentes de todas as religiões, com não-crentes e pessoas de todas as culturas. Do mesmo modo que o profeta Isaías chegou a imaginar uma casa de oração para todos os povos (cf. *Is* 56,7), não se poderá porventura prever que a *internet* possa dar espaço – como o «pátio dos gentios» do Templo de Jerusalém – também àqueles para quem Deus é ainda um desconhecido?

O desenvolvimento das novas tecnologias e, na sua dimensão global, todo o mundo digital representam um grande recurso, tanto para a humanidade no seu todo como para o homem na singularidade do seu ser, e um estímulo para o confronto e o diálogo. Mas aquelas apresentam-se igualmente como uma grande oportunidade para os crentes. De facto nenhum caminho pode, nem deve, ser vedado a quem, em nome de Cristo ressuscitado, se empenha em tornar-se cada vez mais solidário com o homem. Por conseguinte e antes de mais nada, os novos *media* oferecem aos presbíteros perspectivas sempre novas e, pastoralmente, ilimitadas, que os solicitam a valorizar a dimensão universal da Igreja para uma comunhão ampla e concreta; a ser no mundo de hoje testemunhas da vida sempre nova, gerada pela escuta do Evangelho de Jesus, o Filho eterno que veio ao nosso meio para nos salvar.

O domínio do Espírito

Domingo de Pentecostes

Act 2, 1-11, Sal 103
1 Cor 12, 3b-7. 12-13 ou Rom 8, 8-17
Jo 20, 19-23 ou Jo 14, 15-16. 23a-26

- Sopra no Mundo um Espírito de unidade que se concretiza de diferentes formas no coração de cada homem; como se concretiza no meu coração? Hoje celebramos a presença do Espírito Santo, transformador e revelador. O que é que me domina? Ao que é que dou resposta? Que necessidades satisfaço? Onde encontro o Espírito do Senhor em mim? Como posso desejar dar resposta ao Espírito se não me alimento da oração?

Hoje celebramos o Domingo de Pentecostes. Jesus não nos deixa, deixa na Humanidade o Seu Espírito para sempre! Hoje celebramos a presença do Espírito Santo, transformador e revelador. Sinto realmente que o é na minha vida? Paulo ajuda-me a compreender que seguir o Espírito não é de facto tarefa fácil. Fala-nos que o Homem pode ser dominado pela carne ou pelo Espírito... ao ler as suas palavras, sou incapaz de não me perguntar: "O que é que me domina? Ao que é que dou resposta? Que necessidades satisfaço?". O que experimento é que o Mundo está (e sempre esteve) muito (demasiado até...) voltado para as necessidades do que é mais apetecível para o sujeito, do que lhe assegura a sobrevivência, sendo que nos nossos dias vamos muito mais além, procurando-se assegurar sempre e cada vez um melhor estilo de vida (cheio de muitas coisas, mas muitas vezes vazio de sentido...). De facto, este é o "domínio da carne", um domínio superficial que pretende dar resposta às necessidades mais básicas, instintivas, confundido o ser humano com outros animais quando fica apenas por aqui. Sinto

que apesar de saber que sou bastante mais do que qualquer outro animal, travo diariamente uma batalha para que não fique por este domínio e consiga ir mais longe. Ainda que possa parecer um pouco exagerado nisto que digo, a verdade é que me saem gestos, atitudes, acções muito concretas que são mais repostas à minha "carne", às minhas ambições profissionais, ao desejo de ser aceite, do que ao meu Espírito... por isso agora que paro para pensar sobre isto, pergunto-me: "Onde estás? Onde encontro o Espírito do Senhor em mim?" Para mim, as respostas a estas questões não me saem facilmente, ou melhor, sei-as bem mas não as sinto nas minhas entranhas... O mesmo se passa com tudo o que conheço da vida de Jesus. Como diz Paulo: "De facto, todos os que se deixam guiar pelo Espírito, esses são filhos de Deus". É isto que me torna filho de Deus! É isto que me torna capaz de Amar à Sua semelhança, ou seja, de Amar com um amor maior que me faz "despegar" do meu "mundinho" e me faz "saltar" para o Mundo, para os outros que me rodeiam, dos mais próximos aos mais distantes! Não basta saber estas coisas, importa sobretudo intuir, entranhar, viver de acordo. O

Espírito sopra sempre no nosso coração! Há que dar espaço nas nossas vidas para as brisas, o que é difícil com o ritmo em que vivemos (que mais parecem autênticas tempestades...). Passar do “domínio da carne” para o do Espírito é mudar de perspectiva é, de facto, deixar de ter um olhar centralizado em mim para passar a ter um olhar global (na Humanidade).

Esta mudança de perspectiva, este “saltar de domínio” não é realmente fácil em mim porque muitas vezes não sou capaz de parar algum tempo para orar. Cada vez sou mais sensível às passagens que retratam os momentos de oração (e alguns deles atribulados...) de Jesus. É que parece que, de repente, se me fez luz e percebi que são esses momentos que possibilitam os outros mais vistosos e que, até à data, eu mais valorizava. De facto, é no diálogo com o Pai, na Sua

oração, que Jesus encontra as intuições e a força necessária para as concretizar! Como posso desejar dar resposta ao Espírito se não me alimento como devo daquilo que me torna capaz - a oração?

Neste Domingo de Pentecostes, peço-Te Senhor a sabedoria de descobrir a importância que tens na minha vida, que tem este encontro diário conTigo para que possa experimentar a frescura do Espírito na minha vida. Ele sempre sopra suavemente, sem se impor. Eu opto, na minha liberdade, se dou espaço (ou não) para o que não se impõe. De uma forma quase paradoxal, Jesus viveu plenamente a sua vida e marcou (e mudou!) profundamente a História da Humanidade por um domínio que nunca se impõe, o domínio do Espírito. E eu, quero responder também afirmativamente a este aparente paradoxo (sempre à força de Amor)?



DOMINGO DE PENTECOSTES

Primeira Leitura: Act 2, 1-11

"Todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar outras línguas".

Salmo: 103, 1ab.24c.29-31.34

Refrão: *Enviai, Senhor, o vosso Espírito e renovai a face da terra.*

Segunda Leitura: 1 Cor 12, 3-7.12-13

"Todos nós fomos batizados num só Espírito, para formarmos um só corpo".

Evangelho: Jo 20, 19-23

A missão que Jesus confiou à sua Igreja - anunciar a todos os homens a Boa Nova - é a mesma que ele realizou na sua vida terrena

Acreditamos que Deus – que é o Pai, o Filho e o Espírito Santo – quis criar o Universo. Não como simples entretenimento, mas por causa do homem que aí havia de nascer.

O homem é o feixe de contradições tantas vezes referido: capaz de contemplar a Deus e capaz de se encerrar num fundamentalismo que de Deus só tem o nome; capaz de se apaixonar pela procura da verdade e capaz de desprezar todo o saber; capaz de matar e de destruir, capaz de dar a vida por amor.

Acreditamos que o Pai enviou à Terra o seu Filho. O qual, tomando a condição humana, se chamou Jesus. Jesus veio revelar-nos o verdadeiro rosto de Deus. Veio dar-nos o perdão dos nossos pecados, Ele, que nos amou “até ao fim” (Jo 13,1). Veio dar-nos a filiação divina e a herança da vida eterna. Com uma só condição: que nos amemos uns aos outros como Ele nos amou. (Jo 13, 34-35, 15, 12-17). Ensinou-nos pela palavra que nos deu e pelo exemplo que nos deixou. Os Evangelhos contam a história de Jesus.

A palavra de Jesus permanece para sempre. Mas é preciso encarná-la nas nossas vidas. Viver como Ele próprio faria se estivesse hoje aqui, se tivesse a circunstância e as responsabilidades que cada um de nós tem. Ser cristão não é viver como os outros homens e ir à missa ao domingo. Mas também não é copiar materialmente a vida de Jesus.

Acreditamos que o Pai e o Filho enviaram à Terra o Espírito Santo. O Espírito Santo não vem repetir a caminhada de Jesus. Vem ajudar cada um de nós e cada uma das nossas comunidades a compreender o que Ele disse e o que Ele fez; vem ajudar-nos a entender o nosso tempo e o nosso mundo; vem ajudar-nos, não exactamente a copiar, mas a “seguir” Jesus como Ele deseja ser seguido.

Creio que o Espírito Santo acompanhou, acompanha e há-de acompanhar até ao fim todos os homens, de todos os tempos e lugares. O dia

do Pentecostes, por festa, foi esmaltado de milagres; mas os milagres foram sempre excepções nas estratégias de Deus. O Livro dos Actos dos Apóstolos narra o acompanhamento pelo Espírito Santo das primeiras comunidades cristãs, nos trinta anos que se seguiram à partida de Jesus.

Já alguém escreveu que a Igreja, que se tinha deixado acompanhar pelo Espírito Santo ao longo do seu primeiro milénio, começou depois a ignorá-lo, mantendo-o apenas em fórmulas (“em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo”), que se foram esvaziando de significado. Para isso contribuíram uma teologia da Igreja e do magistério fundada exclusivamente sobre Jesus Cristo e a perda do impulso missionário.

Um livro recente (Pablo RICHARD, *El movimiento de Jesús antes de la Iglesia*, texto inglês de 1998, trad. espanhola de 2000, ed. Sal Terrae, Santander), sugere que talvez S. Lucas tenha escrito os Actos dos Apóstolos por ter tomado consciência de que a Igreja estava a perder algo da sua força inicial. Os primeiros cristãos não tinham nem teologia nem uma grande organização; mas confiavam na presença do Espírito Santo e aceitavam ser impelidos por Ele; tinham um imenso fervor missionário; sentiam a necessidade da união e da partilha; celebravam a Eucaristia neste contexto; “*e tinham a simpatia de todo o povo.*” (Act 2,46). Conseguiram entrar em contacto com as diferentes culturas que encontraram e foram capazes de anunciar a cada uma delas e de maneira fundamentalmente correcta a mensagem do Evangelho. A carta que refere a decisão dos Apóstolos e dos Anciãos a respeito dum caso difícil contém uma frase de esplêndida ousadia: “*O Espírito Santo e nós próprios resolvemos...*” (Act 15,28).

Neste momento em que procuramos caminhos para a nova evangelização era inteligente não ignorar as sugestões dos Actos dos Apóstolos.

Pe João Resina Rodrigues, 31 Maio 2009

2ª parte

**A vida tem a última
palavra**

A vida tem a última palavra

Na minha vida de missionária, tenho vivido algumas experiências de morte, desolação, acidentes, catástrofes naturais... O bom disto é que tenho sempre experimentado que isso não é o fim, que a morte e a destruição não têm a última palavra. Na Natureza e nas pessoas há uma força de vida que ninguém pode parar, algo superior a nós. Mesmo na dor, no sofrimento, no desânimo, surge o desejo de continuar, de restaurar, de resgatar, de começar de novo.

Uma destas experiências vivi-a na Colômbia: a erupção do vulcão Nevado del Ruiz. A sua erupção arrasou Armero, uma cidade produtora de café, com 25.000 habitantes. Ficou totalmente sepultada: só conseguíamos ver o telhado da igreja com a sua cruz. À sua volta tudo era como um deserto cinzento, que arrepiava só ver. A vida das pessoas e a abundante Natureza tinham desaparecido montanha abaixo. Olhássemos para onde olhássemos não havia sinal de vida. Era algo irreparável, difícil de descrever: parecia que a morte se havia instalado ali para sempre.

Passou um mês e a minha surpresa foi grande: naquela terra seca começaram a surgir pontinhos verdes; a Natureza rompia a dureza e aqueles frágeis rebentos abriam caminho para a vida. A Natureza ressuscitava, porque na sua essência está a vida e a vida procura saídas onde parece que não existem. E isso também se passou com a vida das pessoas: a princípio, o seu desejo era morrer, ir com os seres queridos que haviam partido; morrer parecia-lhes mais fácil. Mas, porque dentro tinham vida, esta ganhou a batalha: continuaram vivendo, lutando, criando, construindo futuro. A vida desterrou a morte, o barro começou a florescer, os corações a palpitar e os corpos a caminhar ressuscitados.

Porque lhes falo destas coisas? Porque acredito na vida, porque acredito na Ressurreição, porque quero viver a Páscoa e porque não aguento as mensagens de pessimismo que há por todo lado. Noutra dia, até vieram a minha casa dar-me essas notícias negativas. Duas pessoas bateram à minha porta e, quase sem dizer “bom dia”, dizem “Sabe a senhora que a Bíblia diz que estamos nos últimos tempos? Tudo o que está a acontecer dá-nos a certeza de que é verdade que estamos a chegar ao final, que se aproxima o fim do mundo, todas as catástrofes o provam. Isso é o que diz Mateus no seu evangelho: é por isso nos temos de nos converter”. Eu não fiquei em silêncio: estava com muita raiva dos que apresentam um Deus de catástrofes! Jesus, para nos atrair, não o faz a partir do temor ou do medo, mas sim a partir do amor. O nosso Deus não é um Deus de mortos mas de vivos e quer para nós uma vida abundante.

ACREDITO QUE JESUS RESSUCITOU E QUE, COM A SUA RESURREIÇÃO, ALCANÇOU PARA TODOS NÓS A VIDA!

Viver já a Ressurreição

São muitos os que têm escrito palavras sobre a Ressurreição e que podem ajudar-nos a viver com mais profundidade esta experiência.

Todos eles querem salientar que a esperança na Ressurreição não é uma questão de futuro mas que a podemos viver aqui e agora.

D. Bonhoeffer: “A esperança cristã na ressurreição diferencia-se das esperanças mitológicas pelo facto de remeter o ser humano à sua existência sobre a terra de uma forma totalmente nova e radicalizada em relação ao AT (...) não tem sempre à sua disposição uma última escapatória das tarefas e dificuldades terrenas para dentro da eternidade, mas tem de degustar plenamente a vida terrena assim como fez Cristo (...)”

J. B. Metz: “As promessas de libertação são para o nosso presente. A comunidade do Novo Testamento sabe desde o princípio que está chamada a viver já, nas condições de agora, as promessas futuras, e assim vencer o mundo”

Gustavo Gutierrez: “Crer na Ressurreição implica defender a vida dos mais frágeis da sociedade”

Jon Sobrino: “A verdadeira esperança que gera a Ressurreição de Jesus, não é uma esperança que nos situa mais além do mal, da injustiça e da morte e dizer na História, abertos ao triunfo total e definitivo”

Ignacio Ellacuria: “Unamos a todas as nossas celebrações pascais a esperança que nos traz a Ressurreição de Jesus, com toda essa realidade dolorosa do nosso mundo sofrente. Oxalá que nas nossas celebrações pascais possa renovar-se aquela esperança activa que nos leva a realizar, ainda que de forma modesta, sinais de ressurreição e de vinda do Reino. A missão cristã, a que brota da Páscoa ou do encontro com O Ressuscitado, está vinculada à esperança activa que nos anima a baixar da cruz todos os crucificados do mundo”.

“Os castigos de Deus”

Continuamos, infelizmente, a acordar constantemente com catástrofes naturais e as pessoas não deixam de pensar que tudo isto é como que um "castigo de Deus".

Parece que Deus deixou cair o mundo das suas mãos e por isso o mundo está rodando e rodando sem sentido, envolvido somente na morte como sendo o triste final da sua história. Nós, cristãos, temos o centro da nossa fé na experiência Pascal: Cristo morre, mas tão certo como a sua morte, também acreditamos na sua ressurreição. Para nós, a morte não tem a última palavra. A nossa essência e a de toda a natureza é a semente de vida, o sopro de vida que Deus nos deu na criação.

Somos seres criados para a vida e a morte não é definitiva. Estas catástrofes não terminam na destruição. Temos que ver os sinais de vida nestas circunstâncias. Um dos sinais de vida é o ressuscitar das pessoas do egoísmo (a generosidade), do isolamento (a entreatajuda), de... Façamos por isso um esforço para descobrir os sinais de vida e de ressurreição que advém das catástrofes que nos são dadas viver.

“Onde morrem 2, morrem 3”

Dia 17 de Fevereiro começava a Quaresma com a Quarta feira de cinzas e dia 20 acontecia, na Madeira, a maior catástrofe natural de que se tenha memória nas pessoas deste lugar. As circunstâncias nos depararam ter que experimentar ao vivo aquilo que significa este tempo como tempo de paragem e de avaliação, daquilo que é essencial na vida e, por outro lado, tempo de assimilação de que a vivência do mistério da morte e Ressurreição é algo diário nas nossas vidas.

A destruição, a morte, a desolação, a profunda experiência da impotência humana e da fragilidade diante de algo tão imponente como a força da natureza, ficaram e ainda estão presentes mesmo naqueles que não fomos afectados directamente pelo temporal. Já lá vai quase um mês e ainda não se desfez o nó do coração e não deixam de se assomar as lágrimas aos olhos, e com certeza, não há de passar tão cedo assim!

Mas, apesar desta profunda experiência de dor, de sofrimento e de tristeza, tenho que dizer que sou testemunha de que o grito de Ressurreição e de vida foi ainda mais forte na solidariedade das pessoas, na união, no voluntariado, no serviço da recolha de alimentos e de roupas nos vários postos de acolhimento das pessoas afectadas pelo desastre; se sé fazia o chamamento da necessidade de roupas e alimentos de manhã, já à tarde diziam que já não se entregasse mais que o lugar não comportava tanta quantidade.

A mesma coisa no serviço de voluntariado; muitas das pessoas inscritas nem foram chamadas, porque era mais a oferta que a demanda; as pessoas arregaçaram as mangas, puseram-se as galochas para entrar na lama, tanto para limpar as ruas, como para resgatar alimentos não perecíveis dos supermercados inundados, como para tirar a lama dos parques de estacionamento... desde o antigo secretario do turismo, que no meio da lama gritava: “o amor renasceu”!, até o presidente de Câmara, também incansável, que dizia que “esta situação é um grito para construirmos sociedades mais humanas”, até testemunhos de pessoas, que no meio de toda a sujidade diziam: “era num mundo assim que eu queria viver. Aqui não há doutores, nem engenheiros ou advogados... não há classes sociais... todos ajudam. Sabemos para que viemos. Acho mesmo que nasci para ajudar”. Até uma médica dizia: “sujar com lama? Sujar é com outras coisas, não é como lama. Isso lava-se. Realmente estar aqui é formidável”. E o rapaz que salvou 2 policiaes de ser arrastados pela corrente que dizia: “onde morrem dois, morrem três”. Enfim, quanta vida e sinal de Páscoa!!!!.

Todo este drama vivido aqui na Madeira, revelou o que de melhor há no coração humano como imagem e semelhança de Deus: a capacidade de solidariedade, de serviço, de entrega pelos outros, a capacidade de humanidade e de comunhão... afinal, a experiência vivida de que “a vida é mais forte do que a morte”, de que a Ressurreição de Jesus e a Páscoa é mesmo a certeza de que o bem vence o mal e de que o bem tem mais força do que o mal. Podemos, com certeza, gritar bem alto com o apóstolo João: “*Eu vi*

um novo céu e uma nova terra... eu enxugarei as lágrimas dos seus olhos e não haverá mais pranto, nem dor... porque eu serei o Deus com eles e eles serão meu filhos... “ (Apocalipse 21).

O desafio e o convite que nos marcam estes acontecimentos é primeiramente, não perder a memória do bem que somos capazes de fazer e construir se unirmos as forças e segundo, oxalá que não tenham que ser os desastres, as catástrofes, as situações limite, as que tenham que arrancar o melhor de nós, mas que seja uma decisão livre e pessoal a que me impulsiona a dar o melhor de mim para que possamos gritar todos: “É num mundo assim que eu quero viver”.

“Onde há amor, aí habita Deus”

O Rei dirá, então, aos da sua direita: 'Vinde, benditos de meu Pai! Recebei em herança o Reino que vos está preparado desde a criação do mundo. Porque tive fome e destes-me de comer, tive sede e destes-me de beber, era peregrino e recolhestes-me, estava nu e destes-me que vestir, adoeci e visitastes-me, estive na prisão e fostes ter comigo.'

Então, os justos vão responder-lhe: 'Senhor, quando foi que te vimos com fome e te demos de comer, ou com sede e te demos de beber? Quando te vimos peregrino e te recolhemos, ou nu e te vestimos? E quando te vimos doente ou na prisão, e fomos visitar-te?' E o Rei vai dizer-lhes, em resposta: 'Em verdade vos digo: Sempre que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim mesmo o fizestes.'

Mt 25,34-40

No passado dia 20 de Fevereiro, a zona sul da ilha da Madeira foi fustigada por um forte temporal que causou inúmeros desabamentos de terra e uma enxurrada que arrasou parte do Funchal, Ribeira Brava e Serra de Água. Contam-se pelo menos 43 mortos, 8 desaparecidos, mais de 600 desalojados, mais de 500 carros destruídos, inúmeras habitações destruídas ou danificadas. Em poucas horas muitos perderam familiares, muitos mais ficaram sem sítio onde dormir, sem roupa, sem comida. Muitos perderam a casa ou o negócio onde tinham investido toda a sua vida.

Muitos poderão perguntar-se neste momento tão duro: “onde está Deus? Como pôde ele permitir que isto me acontecesse?”

No dia a seguir, já centenas de pessoas se mobilizavam para desimpedir acessos a populações isoladas, alguns deram mesmo a vida para poder salvar outros como um trabalhador das Estradas da Madeira que tentava desimpedir o acesso à população do Paul do Mar. Centenas de pessoas juntaram-se para limpar os estragos, toneladas de pedras, lama e entulho. Vieram os militares recolher as pessoas desalojadas nos quartéis, a protecção civil a coordenar toda a ajuda, os profissionais da rádio a ser a única voz que se ouvia nas populações isoladas, sem água, sem luz, sem televisão, sem comunicações. Na segunda-feira havia filas de pessoas à porta do quartel, para dar roupa e alimentos aos desalojados que tudo tinham perdido. Dezenas de voluntários faziam a recolha desses bens por várias zonas afectadas. Os profissionais da electricidade, água e comunicações trabalhavam noite e dia para resolver os estragos. Uma semana depois, muitas pessoas puderam voltar ao trabalho e às escolas, algumas famílias saíram dos quartéis para casas emprestadas por entidades, algumas puderam voltar a suas casas.

Várias campanhas de solidariedade apareceram, pessoas de todo o mundo juntaram-se por esta causa, enviando dinheiro ou bens essenciais para reconstruir o que foi desfeito.

“Onde há amor, aí habita Deus”

De onde vem esta força de vontade para trabalhar dia e noite, de onde vem a vontade de sair de casa e ir limpar a lama da cidade, de ir tentar recuperar os alimentos que não tinham ficado danificados pelo temporal que destruiu dois hipermercados para poder distribuí-los a quem precisa? Uma das voluntárias dizia que queria viver num mundo assim, um mundo onde todos

somos iguais, não há classes sociais, não há uns mais importantes que outros, onde todos estão na lama a dar tudo por tudo.

Duas semanas depois do temporal, leio uma entrevista a um jornal de uma jovem que, naquele dia se encontrava num dos locais atingidos, que se agarrou às portas do shopping para não ser levada pelas águas e que foi salva por um senhor que a ajudou a atravessar até a uma saída do outro lado da superfície, deixando-a na escadaria dizendo-lhe “ Vai, vai, o pior já passou!”. Na entrevista ela queria saber quem a tinha salvado.

Face à dor à angústia ao desespero o mundo responde com uma onda de amor, solidariedade, partilha, é um grito de VIDA muito forte, que tem ajudado a aliviar o sofrimento dos que foram mais atingidos. A experiência que fica é que dos destroços causados pela intempérie, nasce um novo reino de amor no coração de todos aqueles que se abriram à caridade. Deus não quer o sofrimento das pessoas, mas desde toda esta circunstância, faz renascer a vida e o esperança.

“Um novo Reino está a amanhecer,
um novo Reino está a surgir,
um novo Reino está a nascer
entre as ruínas do velho império:

É um Reino de paz,
é um Reino de amor,
é um Reino de justiça e liberdade.

Onde reina a fraternidade,
onde reina a igualdade,
onde reina o Deus da Paz e da Verdade. “

Em louvor do Funchal

Um dia, que esperamos não muito distante, a imagem desta baía em ruínas, soterrada hoje em lama e pranto, há-de dar lugar, de novo, à paisagem verdadeira. Passaremos de Inverno intransigente e funesto à clemência de uma estação que devolva ao Funchal sua luz. As buganvílias voltarão a estender placidamente sobre as ribeiras os seus braços brancos, rosa, cor-de-vinho, a árvore de fogo do Largo do Colégio levantará mais alto o seu deslumbre; os jacarandás repetirão o assombro colorido; as tipuanas desdobrarão, nos inícios de Junho, um incrível tapete amarelo frente a São Lourenço ou na subida de Santa Luzia. Esperamos que, num tempo não distante, se possa reconhecer, de novo, a limpidez do traçado atlântico do centro, as ruas confusamente populares, o arabesco do mercado, o mesmo desenho de cheiros, a mesma mescla de sonoridades, o brando silêncio que nas praças tem o seu quê de familiaridade tímida quase cerimoniosa. Encravado na forma de uma concha há cinco séculos, burgo marítimo de referência, com construção fantasiosa, o Funchal foi a primeira cidade Europeia nascida fora da Europa. O resultado é um património humano e urbanístico únicos. Evoca é claro, o modelo de algumas cidades continentais, mas já é outra coisa, como acontece aos territórios de fronteira. É uma cidade reservada e extravagante, cosmopolita e primitiva, enérgica e indolente. Tanto como outras, mas diferente de uma maneira que é só sua. Por exemplo em certas horas vazias, as inúmeras varandas terrestres espalhadas pelas encostas parecem colocadas num imenso navio como os que muitas vezes ali aportam, e sente-se (isto é real) que toda a cidade flutua.

O Funchal é, ainda que isso seja escassamente recordado, uma cidade literária, como Trieste ou Marraquexe: ali não apenas nasceram Edmundo Bettencourt, Cabral do Nascimento, Herberto Hélder ou Ana Teresa Pereira, nasceram os seus universos.

Conta-se que o poeta António Nobre gravou a canivete numa árvore do Funchal; "sede de luz como que de relâmpagos". Um dia, que esperamos não muito distante, chegará a luz.

Pe. José Tolentino Mendonça

Vem e verás

Nestes dias difíceis em que assistimos a cataclismos naturais há quem pergunte: onde está Deus? Sim, Jesus, onde moras nestas situações concretas?

Jesus responderia - Estou onde a tua e a fé de alguns cristãos está, viva e amadurecida.

Nestes tempos, que são os nossos, será que Deus nos encontra adultos na fé, para sermos Sua Presença no meio do mundo?

Esta realidade tem-me feito olhar para a minha história ... e procuro sinais de vida, de vida abundante.

Reconheço-me como um vaso de barro, porém, levo inscritas nesse barro as marcas da Misericórdia de Deus. Primeiro, com a minha vida e depois com a vida de algumas pessoas (outros vasos como eu), e sinto que Deus me chama a colaborar na reconstrução dessas mesmas vidas.

Olhando para as nossas cidades e vilas, onde não aconteceram essas intempéries, encontramos corações humanos onde existem fendas abruptas entre o amor que têm direito a descobrir e a realidade que lhes é dada viver. Em quantas vidas há rupturas internas que levam a uma baixíssima auto-estima? Quantos jovens experimentaram derrocadas de falta de apoio e de valores espirituais, onde se instala o vazio? Que pessoas conhecemos que se deixam levar pelas enxurradas do consumismo, ao mesmo tempo que se instala no seu interior a tristeza e a monotonia?



*“Me amou e se entregou por mim,
para me dar a vida com Sua Vida,
para dizer ao mundo, que o Amor é o caminho
e a vida que se entrega gera a vida, á força de amor.” (cântico)*

Aos 18 anos eu tinha um sonho: que a minha vida deixasse marcas positivas na vida de algumas pessoas, que não fosse em vão a minha existência. Mas procurava o meu lugar, a oportunidade para compreender qual a minha missão. Fui procurando, rezando, buscando formação, fui esperando.

Algum tempo depois, conheci uma jovem que andava por atalhos em busca de amor, e a “sua companhia era a droga - heroína”. Éramos muito diferentes, mas ela procurava ser feliz. E não sei explicar por lógicas humanas, mas sei que nos deixámos cativar e, pouco a pouco, eu fui percebendo que

Deus estava a fazer uma aliança com a minha vida. Isto foi um caminho com avanços, paragens e recuos da parte da jovem. Da minha parte o percurso foi feito com alegria, lágrimas e esperanças, com oração e acompanhamento de uma amizade sincera e dedicada. Até que ela aceitou fazer um tratamento e hoje, passados 13 anos, está bem e a sua vida é um testemunho porque colabora para outros saírem desses caminhos.

Entretanto conheci outra jovem e um jovem com problemas semelhantes mas com idades, passados, personalidades e nacionalidades diferentes. Hoje em dia estas pessoas constituíram família e uma delas é psicóloga e o seu trabalho consiste em ajudar pessoas que sofram desta doença aditiva.

Anos mais tarde conheci uma jovem que tinha passado por tentativas de suicídio, estava desesperada e sem amigos e a sua família já pouco intervinha. Foram 3 anos em que dei muito da minha vida: escutei, acolhi, abracei, fui firme, sofri, sorri, e descobri que Deus me dava entranhas de ternura. Depois encaminhei para um técnico profissional; ela participou num grupo de jovens espectacular em que as pessoas tiveram uma paciência imensa, criando com ela laços fraternos e de ternura. Fez o seu percurso muito devagarinho (e Jesus foi segurando a sua vida), quase não víamos um sorriso, até que chegou a descoberta de que valia a pena viver e ter um projecto de vida. Hoje tem o seu emprego e é casada.

Cruzei-me ainda com outra jovem com problemas emocionais depressivos (mas diferentes da anterior), e foi um percurso com idas e vindas, onde fui dando apoio humano e espiritual. Também ela teve a possibilidade de integrar um grupo de jovens, de participar em encontros e retiros. E como a situação era muito delicada, teve de fazer um tratamento específico por internamento. Foi então que Deus se fez presente de um novo modo, e foi surpreendente porque, de lugares do nosso país tão distintos, esta jovem reencontrou-se com duas das pessoas atrás mencionadas, as quais lhe deram apoio também.

Que bonita esta corrente de amor de Deus, só Ele para permitir que se cruzem caminhos de bem, onde as pessoas “que se reencontraram consigo, com a vida e com Deus”, podem ser luz e dar esperança ao mundo de hoje.

Vem e verás ... Aqui mora Jesus! Aqui onde nos vamos colocando e recolocando nas Suas Mãos, ainda que vivendo muito desta entrega no silêncio. Muitas vezes também recorri a Maria pedindo-Lhe que viesse comigo a estes lugares de vidas a desmoronarem-se e quantas vezes estiveram presas por um fio num precipício (só Deus sabe bem e em profundidade tudo o que se viveu).

Fui tacteando e correndo, tive medo mas arrisquei apoiando-me em Jesus, na Sua Palavra e no Pão da Eucaristia. Pela oração de diálogo com Jesus fui percebendo que Ele me emprestou o Seu coração para eu acreditar na vida destas pessoas (para lá de toda a evidência humana que me falava em sentido contrário). Tendo-me colocado ao serviço da construção do Reino de Deus, fi-lo por me sentir amada, valorizada por Deus Pai. Porque tive a possibilidade de participar em encontros, em retiros, por “ter encontrado um tesouro,” quis levá-LO a outras pessoas. No entanto, para esta viagem necessitei muitas vezes de ir à Fonte beber do manancial da Palavra, para não desistir. E também aprendi que sou eternamente aprendiz do Seu Amor e que

sou continuamente chamada a ser humilde diante d'Aquele que pode, por mim ou por ti, testemunhar o rosto belo de Deus.

A alegria de ver renascer vidas humanas das cinzas é uma experiência indescritível, que faz dizer: "o que os meus olhos viram, as minhas mãos tocaram de vida de Cristo Encarnado, isso vos anuncio"(1Jo.1, 1-4) e não posso esconder as maravilhas de Deus, a Sua Bondade e Misericórdia, que tudo faz para resgatar e dar mais vida interior a cada um de nós que se deixa ajudar.

«A mão do Senhor desceu sobre mim, conduziu-me e levou-me a um lugar cheio de ossos ressequidos. O Senhor disse-me : Filho do homem, esses ossos poderão voltar á vida? Eu respondi: Senhor, só Tu o sabes. Profetiza, a esses ossos e diz a esses ossos: Ouvi a Palavra do Senhor (...)eis que vou introduzir em vós o sopro da vida e revivereis.» Ez.37

Amiga, amigo, tu, eu e outros, podemos ser a esperança e a fé de Deus, na vida de homens e mulheres dos nossos dias. Acreditas nisto? Jesus acredita em ti, que a tua vida pode marcar a diferença na vida de alguns irmãos nossos.

